

A ÚLTIMA CRÔNICA: O DITO E NÃO-DITO NA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA (ADF)

MENEGHETE, Alex Vaz¹
SILVA, Elton Osvaldo da²
BRAGA-NATH, Margarete Aparecida³

RESUMO

Ao percebermos as mazelas sociais que vivemos desde o início da colonização a sociabilidade do povo brasileiro, podemos dizer que a sociedade sempre foi um tanto quanto individualista quando se trata das posses e de seu capital. Neste âmbito, analisaremos alguns conceitos ideológicos capitalistas – elucidados por Karl Marx – ressignificados pela Análise do Discurso Francesa, principalmente, no dito e não-dito no texto de Fernando Sabino, produzido em 1965, “A última crônica”. Há uma densa crítica social acerca do contexto das personagens, as quais se segregam por não terem condições para a prática do consumo imposto pelo sistema capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Francesa, dito e não-dito, A última crônica.

THE LAST CHRONICLE: THE SAID AND UNSAID IN THE ANALYSIS OF THE FRENCH DISCOURSE

ABSTRACT

When we realize the social moral failures that we live since the beginning of the colonization and sociability of the Brazilian people, we can say that the society was always kind of individualista when the matter is the possessions and its capital. In this scope, we are going to analyze some ideologic capitalist concepts – pointed by Karl Marx – redefined by the French Discourse Analysis, mainly in the said and unsaid in the Fernando Sabino's text, produced in 1965, “The Last Chronicle”. There is a dense social critic about the context of the characters, that segregate for not to have conditions to practice the consumism imposed by the capitalist system.

KEYWORDS: French Discourse Analysis, Said and unsaid, The last chronicle.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar aspectos ideológicos capitalistas, meritocráticos e o dito e não-dito do discurso, baseados na Análise do Discurso Francesa (ADF)⁴, envolvidos na obra *A última crônica*, do autor mineiro Fernando Sabino. Na obra há uma amálgama de questões que envolvem, não somente as condições das personagens, mas também uma crítica ao Estado democrático que deve se predispor a manter, em sua totalidade, aqueles que vivem em nossa sociedade.

A última crônica traz, em suas entrelinhas os implícitos da linguagem, aspectos de uma família assolada pelo próprio sistema em que vivem. As personagens se entrelaçam em uma sociedade segregadora e capitalista, denotando e desmistificando o conceito de meritocracia,

¹Graduando do Curso de Letras Português-Inglês da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: alex2007_vaz@hotmail.com.

²Graduando do Curso de Letras Português-Inglês da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: eltonsilvabr@gmail.com.

³Docente do Curso de Letras Português-Inglês da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: margabraga@yahoo.com.br.

⁴ Os estudos da ADF – que tiveram como propulsor e fundador o filósofo francês Michel Pêcheux - discutem sobre como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem, estabelecendo a relação existente no discurso entre língua/sujeito/ história ou língua/ideologia. (ORLANDI, 2005)

segundo a qual diz o mérito está relacionado às habilidades inatas, ao trabalho duro, à atitude correta, ao alto caráter e à integridade do ser humano trazendo a este oportunidades ilimitadas.

Além disso, o texto de Fernando Sabino possui uma margem específica em que podemos encontrar, de acordo com a Análise do Discurso Francesa (ADF), o dito e o não-dito – os silêncios dentro do discurso. Tomando como base os movimentos históricos e simbólicos de um sistema capitalista e meritocrático.

Então, como já supracitado, a análise da obra *A última Crônica* será feita com base na consolidação de ideologias capitalistas, que impõem as diferenciações entre as classes sociais e os conceitos da meritocracia que são usados para explicar a parcial inatividade do Estado mantenedor nas questões sociais. E, principalmente, pela análise discursiva que nos faz desembocar nos signos de representações em que o contexto está inserido, tanto social, quanto cultural e historicamente.

2. DO CAPITALISMO A MAIS-VALIA: UM ESBOÇO MARXISTA

Concomitante à desestruturação do sistema feudal, a partir do século XVIII, houve a modificação dos setores de produção e as relações trabalhistas, engendrando assim a transição do sistema feudal para o capitalista, embora o sistema característico inserido em nossa sociedade só tenha se consolidado a partir do século XX. O capitalismo financeiro, remetido à Segunda Revolução Industrial (descoberta do petróleo, invenção do motor à combustão e outros), juntamente à Terceira Revolução Industrial (início da comunicação moderna, transportes mais eficientes, informatização e biotecnologia).

Em contrapartida ao sistema capitalista temos Karl Heinrich Marx - intelectual crítico desse sistema ideológico. Marx (1996) faz sua crítica analisando o próprio Estado capitalista, isto é, aquele que possui o aparato jurídico-político, pois sem a intervenção do Estado moderno capitalista não se consegue tornar uníssono esse tipo de sistema, principalmente pelo fato de que não é natural, visto que a doutrina capitalista procura fazer uma bipartição – em classes sociais – por ser uma organização em que suas atividades se embasam no lucro por meio de uma produção assalariada. Essa produção necessita de uma força de trabalho muito bem elucidada por Marx (1996, p. 17):

Isto porque somente tal separação permite que o agente do processo de trabalho, como pura força de trabalho subjetiva, desprovida de posses objetivas, se disponha ao assalariamento regular, enquanto, para os proprietários dos meios de produção e de subsistência, a exploração da força de trabalho assalariada é a condição básica da acumulação do capital mediante relações de produção já de natureza capitalista (MARX, 1996, p.17).

Com isso, Marx deixa claro que o trabalhador assalariado não recebe por aquilo que produz em sua totalidade, muito menos por sua produção em si, mas sim pela força de trabalho utilizada para a confecção de suas atividades. Assim, podemos linear às ideias de Marx, no conceito de mais-valia, o qual se refere às diferenças entre a produção do trabalhador assalariado, ao número de horas em que o proletariado produz, ao valor pago a ele por sua força de trabalho e àquilo que fica com o dono do capital, ou seja, a mais-valia é o lucro que permanece com o empresário que, segundo Marx, não deveria existir, pois se caracteriza como sobretrabalho, isto é, o trabalhador trabalha mais do que deveria para receber o seu salário.

Consoante às ideias marxistas (1996), sobre o capitalismo, estão a alienação do homem sobre suas obrigações nesse tipo de sistema. Conforme Iamamoto (2002) esta alienação capitalista o torna uma mera peça de uma engrenagem ideológica sócio-política, aspecto esse intrínseco a ele pelo simples fato de que não se impõe diante do sistema em que vive. A instituição capitalista também dá ao proletário o título de mão de obra comercializada e muitas vezes não valorizada, pois as relações interpessoais são medidas pelas mercadorias e pelo dinheiro, assim a lei de oferta e demanda controla o sistema veemente. Desse modo – por não se impor a este sistema - o sujeito nega sua identidade, pois o trabalhador perde sua essência humana, já que este não se reconhece no processo daquilo que produz.

Marx (1996), em sua obra principal – O Capital - também procura, em seus estudos sobre o sistema capitalista, uma solução de minimizar suas características ideológicas:

Porém, se tal é a *tendência* das coisas nesse sistema, quer isso dizer que a classe operária deva renunciar a defender-se contra os abusos do capital e abandonar seus esforços para aproveitar todas as possibilidades que se lhe ofereçam de melhorar em parte a sua situação? Se o fizesse, ver-se-ia degradada a uma massa informe de homens famintos e arrasados, sem probabilidade de salvação. Creio haver demonstrado que as lutas da classe operária em torno do padrão de salários são episódios inseparáveis de todo o sistema do salariado: que, em 99% dos casos, seus esforços para elevar os salários não são mais que esforços destinados a manter de pé o valor dado do trabalho e que a necessidade de disputar o seu preço com o capitalista é inerente à situação em que o operário se vê colocado e que o obriga a vender-se a si mesmo como uma mercadoria (MARX,1996, p.118).

Apesar de a ideia supracitada ser de aversão e, ao mesmo tempo, tentativa de reversão do sistema capitalista em que nos encontramos, Marx admite que este, já está tão engessado e intrínseco em nossa sociedade, pela redundância e costumes de suas ideias, que seria quase impossível a conscientização da classe operária de sua exploração trabalhista. E, para que isso fosse possível, seria essencial a erradicação da submissão da classe operária pelo Estado burguês e da alienação social e política. Enfim, ao perceber que não pode ir contra seu sistema engendrado,

canonizado e alicerçado pela predileção sócio-política, a classe operária se cala diante da prevaricação estatal, ou seja, o Estado burguês, subalternizando-se pelo seu salário em detrimento de suas necessidades básicas.

3. MERITOCRACIA: UM MITO UTÓPICO

A meritocracia é considerada um método que consiste na atribuição de recompensa àqueles que possuem mérito por suas competências e realizações, e, concomitante a essa ideia, Barbosa (2006) coloca o sistema meritocrático como um amálgama de valores e tem como premissa que os indivíduos de uma sociedade devem fazer por merecer tudo aquilo que possuem e também serem reconhecidos, publicamente, pelas suas realizações individuais. Desse modo, a ideologia meritocrática muito se assemelha à aristocracia, isto é, a organização sociopolítica tem como base os privilégios de determinados grupos sociais que detêm, por herança ou concessão, o monopólio do poder.

De acordo com Barbosa (2006), o próprio sistema deslegitima seu processo de igualdade tão reforçado pelo Estado – a democracia – porém usa as ideologias meritocráticas para tentar eximir algumas de suas responsabilidades perante a sociedade como, por exemplo, nos quesitos educacionais e trabalhistas:

Na sociedade brasileira, o estabelecimento de gradações, ou hierarquias, é visto como a introdução de uma desigualdade que vai de encontro ao próprio objetivo do sistema. O único valor de legitimidade a vazar essa perspectiva igualitária radical é a senioridade. Isso faz muito sentido. A senioridade é um atributo ao alcance de todos, porquanto só depende da simples permanência no emprego. Aliás, seria impossível não nos lembrarmos de um famoso ditado brasileiro que diz: “antiguidade é posto”. Já o mérito, resultado do desempenho e das diferenças substantivas individuais, depende do indivíduo e de suas especificidades – nem todos o possuem ou podem alcançá-lo (BARBOSA, 2006, p.71).

No âmbito das condições oportunizadoras a meritocracia deve ser, acima de tudo, a garantia da igualdade que permita a identificação do esforço e desempenho daqueles que competem por seu *status* social e independente, desse modo, podemos avaliar de forma precisa a hierarquia e a ética do desempenho desses indivíduos que estão inseridos em uma sociedade contemporânea.

Podemos incutir à meritocracia, pressuposto básico, não só o conceito de mérito por mérito, mas sim o mérito democrático, aquele que oportuniza a todos – sem privilégios, ou distorções de resultados – os mesmos diretos. Entretanto, são plausíveis de discussões algumas características sociais que não são concomitantes às ideias meritocráticas, pois, elas se tornam mito a partir do

momento que a causa desse mérito são combinações de fatores não-meritocráticos como herança, vantagens sociais e culturais, oportunidades educacionais desiguais, oportunidades de empregos melhores, declínio destes e discriminações de todas as formas.

4. ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA (ADF) NO TEXTO DE FERNANDO SABINO: A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Tavares Sabino nasceu a 12 de Outubro de 1923 em Belo Horizontes, Estado de Minas Gerais. É considerado umas das personalidades brasileiras mais ecléticas da segunda metade do século XX, pois traz em suas obras os lados pitorescos e poéticos do cotidiano – finos traços de humor como pano de fundo – e, principalmente, suas personagens obscuras. E são com essas características que Sabino impõe em suas obras críticas voltadas às ideologias que circundam nosso sistema sociopolítico com relação às condições de sobrevivência dos indivíduos que nela vivem.

Desse modo, podemos inferir à obra conceitos que pretendem a tentativa de definir os vários sentidos, sendo eles verbais ou não verbais dentro do discurso do conto: A última crônica. A ADF, neste caso, não tem como pretensão explicar de forma ampla o dito e não-dito dentro do texto de Sabino, o que se propõe é uma discussão de forma breve dos entrecruzamentos de vozes presente no texto, enfatizando o que se tem por trás daquilo que é proferido e aquilo que os seus interlocutores – que possuem criticidade sobre o assunto – conseguem visualizar.

Os sujeitos, dentro da obra de Sabino, podem ser analisados na *práxis* da linguagem, sujeito e história. Assim podemos perfilar um diálogo sociodiscursivo como produção de sentidos, compreendendo, desse modo, o *locus* de seu assujeitamento sociocultural e político. Mas qual o papel dessas personagens dentro da sociedade? Fernando Sabino (1965) levanta alguns questionamentos sobre essa e outras muitas questões essenciais para um ser que vive e convive em sociedade,

Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial (SABINO, 1965, p.174).

O trecho supracitado sobressalta aos olhos discussões acerca do modo de vida das personagens – referindo-se à nossa sociedade pela crítica implícita na obra. Há confluências que

trazem à tona as mazelas sociais daquilo que é chamado por ele de “pitoresco” e “irrisório”, tudo isso envolto no cotidiano de cada indivíduo ou, até mesmo, no conjunto de espectadores intrínsecos neste sistema desequilibrado pelas perspectivas assustadoras mencionadas por ele. Perspectivas essas relacionadas ao viver e sobreviver em sociedades excludentes.

Para a Análise de Discurso, o contexto histórico é parte integrante e importantíssima para a reclamação de reais sentidos, estes, partindo do próprio sujeito envolto à sua linguagem.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome (SABINO, 1965, p.174).

O narrador e observador, neste caso, não possui onisciência ou onipresença, porém consegue captar nas atitudes, nos gestos e nos olhares o contexto de aparência momentâneo das três personagens envolvidas na cena. A entrada do casal no botequim, as atitudes destes perante aqueles que os circundam. Tudo isso típico do contexto histórico da época. Apesar do dia 13 de Maio de 1888 marcar a abolição da escravatura que configurou-se como um momento crucial no processo de liberdade daqueles que por anos foram tratados como espécie sub-humana, ainda se perpassa ao longo das décadas os velhos preconceitos contra o negro, os ditos emancipados e cativados por sua liberdade - dada pela famosa lei Áurea.

Entrando em consolidação às ideologias capitalistas no meio em que as personagens vivem, Bosi (1992, p. 271) questiona que mesmo com todo esse jogo de emancipação e liberdade, este processo ainda não está finalizado, há muito que se pensar e fazer a respeito dos processos sociais brasileiros.

Para fora: o homem negro é expulso de um Brasil moderno, cosmético, europeizado. Para dentro: o mesmo homem negro é tangido para os porões do capitalismo nacional, sórdido, brutesco. O senhor liberta-se do escravo e traz ao seu domínio o assalariado, migrante ou não. Não se decretava oficialmente o exílio do ex-cativo, mas este passaria a vivê-lo como um estigma na cor da sua pele (BOSI, 1992, p. 271).

Neste âmbito, os estigmas, como já supracitado, dialogam com os conceitos bakhtiniano “[...] Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 1979, p.319). Há inúmeras análises e interpretações possíveis dentro da obra de Sabino (1965), principalmente, em decorrência das diversas interpretações de um sujeito, seja pela sua historicidade, sociabilidade, aspectos culturais, ideológicos, e outras inúmeras

formas de engendrar em seu pensamento os assujeitamentos produzidos pela sociedade em que vivem e sobrevivem.

As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos (BRAIT, 2008, p.65).

Bakhtin (1979) deixa claro o amálgama existente entre as vivências e as ideologias dos indivíduos envolvidos no discurso, isso tudo, para que a enunciação seja produzida e dirigida de forma clara e correspondente ao contexto do enunciado.

Assim, o sujeito narrador narra os fatos por ele vistos da forma como compreende e percebe o mundo à sua volta. Ele não consegue perceber com totalidade o que ocorre com aquelas pessoas que entraram no botequim, sentaram-se à mesa e ali obedeceram a um discreto ritual, como ele mesmo elucida. Poderíamos supor que, em um momento de alteridade, o narrador-observador, potencializado por seus conhecimentos acerca do que o circunda, traz aos nossos olhos as mazelas que denotam as segregações, os preconceitos (que nunca foram superados ao longo do tempo) e os pré-conceitos - neste caso, a primeira impressão que se teve ao ver o casal e a criança entrando no momento em que adentram no botequim.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procuramos evidenciar, de acordo com a Análise do Discurso Francesa – relações entre sujeito/língua/história/ideologia – as mazelas sociais de uma época assolada pela segregação racial e, principalmente, a notória dominação capitalista em relação às ideologias entre as diferentes camadas desta sociedade, abrangendo interdisciplinariades de diversos contextos sociais e ideológicos nas entrelinhas de “A última crônica” – Fernando Sabino (1965).

Podemos perceber também que, à luz da ADF, existem inúmeras ou até mesmo inesgotáveis possibilidades de análises e entendimentos sobre o dito e não-dito no texto analisado, dependendo apenas da vertente da pesquisa e onde se quer chegar com ela. Assim, também podemos inferir que, todo texto dialoga com o sujeito que, por si só, faz relação entre a língua, história e ideologia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia**: a ética do desempenho nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras. *In*: **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

IAMAMOTO, Marilda. A divisão do trabalho em Marx. *In*: IAMAMOTO, Marilda. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**: ensaios críticos. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, Karl. **Os economistas**. São Paulo: Nova cultura, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

SABINO, Fernando. A Última Crônica. *In*: SABINO, Fernando. **A Companhia de Viagem**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.